

As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática*

Emílio Figueira**

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

RESUMO

Embora pouco percebido, já é grande o acervo de livros infanto-juvenis brasileiros que trazem em seu contexto assuntos ligados às deficiências. Essas obras têm sido objeto de muito estudo da Psicologia Social que, através de certas “armadilhas” em suas narrativas, repassam preconceitos e estereótipos para a mente em formação da criança, mesmo que seja de forma inconsciente. O mesmo acontece nos livros didáticos de primeiro grau. Realizando uma pequena análise desses pontos, este ensaio aborda também alguns apontamentos que poderão contribuir para a construção certa de personagens com deficiência, permitindo a formação de conceitos corretos por parte dos leitores infanto-juvenis, o que poderá gerar adultos menos preconceituosos.

Unitermos: literatura infanto-juvenil, deficiência, acervo bibliográfico, psicologia social.

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

Apoiada em uma respeitada trajetória histórica, a *Literatura Infanto-Juvenil* brasileira ficou durante algum tempo limitada à produção de Monteiro Lobato - pai dessa prática literária em nosso país - ou servindo a professores e alunos, através das fontes clássicas universais, como as fábulas, os apólogos, os contos maravilhosos. Sua revalorização aconteceu mesmo na década de 70, quando se tornou, talvez, o maior dinamismo e renovação do mercado editorial, destacando trabalhos que podem ser considerados pequenas obras-primas e passando a ocupar um lugar de destaque no espaço da Literatura Brasileira, sem mais o preconceito de uma literatura menor e tão importante como a considerada literatura adulta.

* Este ensaio é um pequeno resumo da pesquisa de aperfeiçoamento que realizamos em 1998, pelo Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo (HRAC-USP), Bauru – SP, a qual resultou na monografia “O portador de fissura lábio-palatal e/ou de outras deficiências como personagens de ficção: dos mitos à realidade social”, sob a orientação do Prof. Dr. José Alberto de Souza Freitas e co-orientação de Simone Germano Segantin.

** Setor de Eventos do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São – Rua Sílvio Marchione, 3-20 CEP 17043-900 Bauru – SP.

Partindo de sua nova realidade, as obras infanto-juvenis se ramificaram “por todos os caminhos da atividade humana e, mesmo se situando em espaço próprio, segue todas as estéticas tradicionais (Romantismo, Realismo, Simbolismo), todos os temas vigentes” (Cardoso, 1981, p. 5). Pouco a pouco, foi deixando de lado o maniqueísmo, passando a valorizar as aventuras, realidades quotidianas, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras. Às vezes, os enredos até entram no campo da política e de suas implicações.

Dentre todo o universo das personagens da Literatura Infanto-Juvenil, formou-se um grupo bem significativo de personagens que quase sempre passou despercebido por nós, mas hoje é motivo de muitos estudos e discussões: as personagens que representam as deficiências, a vida e a realidade de seus portadores. Como e com quais artifícios elas são construídas? Quais as imagens, influências e valores culturais que essas personagens repassam às crianças e adolescentes? Quais suas contribuições (ou prejuízos e armadilhas) que trazem, ou poderão trazer para o nosso acervo cultural? O que está sendo feito e escrito por pesquisadores brasileiros na área da Psicologia Social? E quais os cuidados que os autores devem ter ao trabalharem com a temática

Será atrás dessas respostas que iremos partir neste ensaio.

UM ACERVO BIBLIOGRÁFICO

Embora pouco percebido, a leitura para crianças e adolescentes, a leitura que trata de assuntos ligados às deficiências no Brasil, conta com um número significativo de obras editadas. Exemplo concreto, após um extenso trabalho de levantamento bibliográfico realizado no acervo da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”-SP, a bibliotecária Cruz (1991, p. 11) publicou um livro intitulado “*Bibliografia - O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil*” e nele estão catalogados e resenhados 246 livros destinados a esse público. Segundo Cruz (1991, p. 11), nas explicações necessárias da obra, esclarece que

... o objetivo desta biografia é oferecer a professores, pais, leitores em geral e profissionais diversos, uma relação de livros a mais diversificada possível, que lhes permita discutir, com crianças e jovens, a situação da pessoa deficiente em nossa sociedade.

No intuito de oferecer um trabalho completo e de mais utilidade, facilitando aos educadores uma consulta segura, rápida e eficiente, o livro conta ainda com a colaboração de duas famosas pesquisadoras: Piza (1991) e Amaral (1991). São dois estudos sobre a imagem das pessoas portadoras de deficiência na literatura infantil e infanto-juvenil, preconceitos e estereótipos que confirmam ou rejeitam.

Piza (1991, p. 17-21), analisando os resumos coletados pela bibliotecária, acentua que os mesmos apresentam três imagens predominantes da personagem portadora de deficiência, entre outras:

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

- 1 - na maioria dos resumos que fazem referência direta à presença destas personagens, elas surgem como aquelas (especialmente as personagens humanas) que perseveram num discurso de resignação, capaz, por vezes, de valer-lhe o prêmio da “normalidade”, milagrosamente conseguida;
- 2 - o diferente/deficiente depende da interposição de um “normal” entre si e o mundo, para viabilizar sua existência;
- 3 - o diferente feliz é o diferente exilado. Uma existência plena só é possível fora do universo da “normalidade” (...)

É fácil entendermos por que esse tipo de imagem é comum nas obras infanto-juvenis. Sendo a literatura uma expressão artística da realidade, ela traz para dentro de si as formas simbólicas rígidas disponíveis em nossa sociedade e cultura. O alicerce dessas predominâncias está na imagem distorcida, culturalmente construída com relação ao diferente/deficiente. Durante toda a nossa vida, sempre ouvimos o velho ditado: uma imagem vale mais que mil palavras. Algo mais expressivo, de infinita fidelidade aos fatos. Mais confiável até mesmo ao nosso discurso. A formação de imagem e conceito sobre um determinado segmento precisa de argumentos para sua concretização, embora nem sempre os dados que temos em nosso íntimo, ou que nos são oferecidos pelo contexto social, nos permitam formar imagens e opiniões reais de alguma coisa. Equivale dizer, ainda, que há, pelo menos, duas formas de formação de imagem: a *imagem visual* (que registramos diante de nossos olhos) e a *imagem imaginária* (aquela que construímos dentro de nossas mentes, fruto dos dados que nos são oferecidos no dia-a-dia). E os autores não estão imunes a estas distorções.

Imagens e informações distorcidas podem gerar *atitudes* (um posicionamento quase corporal) frente a um considerado fenômeno, exprimindo um sentimento, o que pode gerar, de início, uma ação preconceituosa. Atitude referem-se, portanto, a uma disposição psíquica ou afetiva em relação a determinado alvo: pessoa, grupo ou fenômeno (Amaral, 1991, p. 23-27). Mas voltemos a Piza (1991, p. 17-21):

A escolha de personagens calcadas em modelos sociais rígidos de deficiência, sua frequência, tanto quanto sua desvinculação do tema, parecem corresponder mais a estas dinâmicas simbólicas de escolha dos ditos modelos para expressar idéias mais genéricas e inconscientes, presentes no momento da concepção da obra, do que visar conscientemente à reprodução e sustentação do preconceito. Uma vez que se conceba as produções culturais como frutos de múltiplas determinações sociais e culturais, a leitura das visões viciadas das diferenças, hoje, levamos não apenas às constatações e descrições destes vícios, mas exige o desligamento de seus usos e de seus mecanismos psicossociais de presença do diferente/deficiente nos livros de literatura infanto-juvenil e estudar formas mais eficazes de desmontagem dos modelos padronizados de diferenças.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E PSICOLOGIA SOCIAL

Com estudos voltados à questão das diferenças, há meio século, pesquisadores de várias partes do mundo iniciaram trabalhos no sentido de voltar-se para a Literatura, tanto a ficcional, quanto a didática. Conseqüência disso, foi a produção de uma vastíssima bibliografia girando em torno de questões de gêneros, étnico-raciais, culturais, de faixas etárias etc.

Aqui no Brasil, o tema despertou a atenção a partir da década de 80, constituindo-se de grande atenção e estudo acadêmico, principalmente da Psicologia Social. Mesmo de forma modesta, vamos encontrar três psicólogas com dedicação ao assunto: Fagundes (1989), que, em sua dissertação de mestrado, elegeu como seu universo de pesquisa livros didáticos utilizados no Primeiro Grau; Satow (1992), autora de um ensaio pioneiro sobre o desenho animado “Dumbo” de Walt Disney; Amaral (1992) que, através de vários estudos científicos, tem assinado inúmeros textos com relação à temática. Vamos conhecer um pouco do trabalho delas.

Começando pela última, Amaral (1992, p. 33), doutora em Psicologia Social, pesquisadora e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Para ela

... a literatura está repleta de armadilhas traiçoeiras enredando o deficiente, o diferente, em malhas maniqueístas de bondade e maldade, virtude e pecado, santidade e malícia, feiúra e beleza... Ou o mutilado é bom, sábio, virtuoso, heróico - e com isso neutraliza-se, compensa-se, a deficiência; ou é cruel, malicioso, covarde, objeto - e com isso estigmatiza-se a diferença. O folclore também não é imune a esse viés, exemplos disso são os gênios silvestres: saci-pererê e curupira - maliciosos, hostis, porta-vozes de desgraças e enredamentos - mutilados ambos.

Sua tese de doutorado foi escrita inteiramente em volta do tema, quando ela analisou cerca de 150 livros infanto-juvenis, tentando compreender

... que atitudes estão sendo construídas ou perpetuadas, que preconceitos criados, que estereótipos fortalecidos, que estigmas alimentados, em algumas histórias que envolvem personagens diferentes/deficientes? E o inverso? (p. 88)

Em algumas de suas conclusões, ela relaciona os tipos de histórias que encontrou:

A que nos remetem histórias onde animais simpáticos como girafinhas ou ursinhos castigados ficando mudos ou mancos, por falar demais ou incomodar os outros? Ou o grilo levado que, na outra encarnação, nasceu perneta? - “Culpabilização de vítima” poderia ser a resposta?

A que nos remetem histórias onde o deficiente é arrastado ao céu por balões coloridos e só então é feliz? Ou dá a vida em defesa

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

de um amigo ou reencarna em outro deficiente e o transforma em normal? - Morte ou afastamento como solução poderia ser a resposta?

A que nos remetem histórias onde o aleijado, por ter bom coração pode tornar-se um lindo rapaz? Ou as orelhas grandes e o focinhos transformados em tromba são consequência do caráter deformado de elefante? Ou o menino cruel que passa a ser repulso? Ou o pernetta seqüestrador de crianças? Ou um manco assassino desmascarado pela boa menina cega? - Correlação linear entre deficiência e traços de caráter poderia ser a resposta?"

A que nos remetem histórias onde o elefante de cor inusual é finalmente feliz quando perde essa cor? Ou o patinho feio que se descubra afinal cisne? - A normalização como saída poderia ser a resposta?"

A que nos remetem histórias onde a menina paralítica só tem como interlocutor um pássaro? Ou o menino paráltico que tem como companhia um cachorro vira-lata? - A solidão inexorável seria a resposta?

A que nos remetem histórias onde o burrico, discriminado por ser de uma cor não natural, passa a ser admirado por fazer número com a bailarina do circo? Ou o elefantinho de grandes orelhas, que passa a ser herói quando voa no picadeiro? Ou o bode de barbinha colorida, recitado após transformar-se em artista circense? - O deficiente/diferente no lugar do exótico seria a resposta?

A que nos remetem histórias onde o elefante orelhudo só consegue amizade depois de proteger animaizinhos de um inimigo externo? Ou onde o menino é curado de seu mal por ser bondoso? - A "santificação" poderia ser a resposta?

Finalmente, a que nos remetem histórias onde uma toupeira míope pode notar melhor as belezas próximas? Ou um rapaz paraplégico, mas superinteligente, ou um pássaro que não voa, mas é sabido e faz vôos imaginários, ou o vaga-lume cego que enxerga mais que os outros? Ou ainda: o narigudo, mas criativo, a coelhinha aleijada, mas de bom coração? - Necessidade de compensação desmesurada poderia ser a resposta?

Só que a autora também encontrou exemplos positivos:

Por outro lado, há caminhos bem diferentes que nos remetem (poucos é verdade) que fogem dessas cristalizações e onde, por exemplo, se vê florescer a amizade entre um menino e seu vizinho deficiente mental. Ou histórias onde uma criança nos conta, ela mesma, sua experiência de vida como pessoa diferente. Ou o peixinho que luta para manter suas insólitas asas, ou o medo do paraplégico de ser abandonado na hora do cataclismo final, ou o menino daltônico que explica sua situação com humor, ou o garoto deficiente que anda pela cidade em sua charrete. Ou o sapinho que nasceu dourado e que se afasta de seu grupo de origem mais por sua maneira de ver o mundo que por sua cor. Ou o menino que nasceu com asas e é visto diferentemente por diferentes tipos ou grupos de pessoas (pais, crianças, adultos). Ou a joaninha que nasceu sem bolinhas e ensina sobre o possível engano das aparências. Ou a bem humorada relação do menino com seu enorme nariz, ou o velho que escolhe continuar feio e manco porque essas são cicatrizes de uma vida vivida...

São histórias que nos remetem ao cotidiano; à condição de ser

peçoas; aos medos, sofrimentos, alegrias, desencontros; ao espaço individual; aos pontos de vista nem sempre concordantes; à possibilidade da diferença compartilhada, convivida e, às vezes, superada.

Vê-se que destruir preconceitos, e, portanto, preventivamente impedir estereótipos, não é tarefa bombástica nem cinematográfica. É trabalho árduo, lento, molecular mesmo. É um trabalho de Educação, com E maiúsculo. (Amaral, 1993, p. 165-182)

Um exemplo clássico dessas histórias infantis que reforçam preconceitos, mesmo que de forma inconsciente, vamos encontrar em Satow (1992). Nossa segunda convidada é doutora em Psicologia Social. Em um de seus mais famosos artigos, “Dumbo: estigma e marginalização”, a autora analisa o desenho “Dumbo”, dos Estúdios Walt Disney. Eis três trechos que selecionamos de seu trabalho.

Dumbo é uma estória infantil, aparentemente inofensiva, pois que não agride ninguém diretamente, mas deleita o público, enquanto os estereótipos do estigmatizado vão sendo transmitidos para o que assiste ao desenho acima mencionado... O personagem principal deste desenho é um elefantinho que já vem ao mundo com uma deformidade física. Ou seja, suas orelhas são grandes demais. Enquanto a família desconhecia a deformidade, pois as orelhas estavam atrás do corpo de Dumbo, o que cobria parcialmente a deformidade, todos diziam que estavam felizes, alegres, orgulhosos de terem-no no seio familiar. Depois do espirro dado pelo bebê... as orelhas se abriram e as atitudes de contentamento deram lugar ao espanto, à indignação da família do mesmo. (p. 16)

(...)

Refeitas do espanto, as elefantas começaram a fazer galhofas referentes ao defeito do mais novo membro daquele círculo social, que acabou ficando com o apelido de Dumbo, resultado do trocadilho do seu nome verdadeiro, Jumbo J.R., e a palavra específica de estigma “dumb” que significa tolo, estúpido. Esse apelido desabonador foi-lhe imputado devido a uma deformidade original... sendo motivo para humilhação por parte dos seres normais e depósito de mais atributos depreciativos e, conseqüentemente, vítima de agressões físicas e morais... (p. 17)

(...)

Quando Dumbo chegou à primeira cidade, pois ele nasceu a caminho desta, e agredido com safanões e zombarias, por parte de alguns meninos que vão ao circo, ambiente social do qual Dumbo faz parte... (...) Naquela noite, no circo, na hora de Dumbo entrar em ação (mergulhando no ar a vários metros do chão, cair numa tina d’água e agitar uma bandeirinha), ele voa e todos (público e componentes do circo) ficam espantados ao ver o fenômeno. Logo a nação inteira noticia o fato, colocando Dumbo como herói, astro de cinema, investimento de grande porte, etc. Após o primeiro vôo, o elefantinho passa de segregado e ser inferior para o estrelato e orgulho do circo, ganhando o direito de ficar ao lado de sua mãe e dos carinhos dela, e, conseqüentemente, o direito de ser feliz... (p. 17)

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

Analisando todo o desenho de Dumbo, podemos concluir que a moral de seu enredo é que, só sendo herói, o diferente/deficiente tem o direito de ser feliz, pois, segundo Amaral (1989, p. 34-37), “sempre como se a única trajetória possível para um ‘final feliz’ fosse aquela que ligasse dois pontos distantes no mapa: de vítima a herói; do Terceiro para o Primeiro Mundo”. Satow (1992, p. 15-18) afirma em suas conclusões:

A estrutura de estória pega o espectador em nível emocional, não agride ninguém em sua superfície, não leva quem está assistindo a nenhuma reflexão, à análise alguma, porque é apenas um desenho animado para crianças e, portanto, de consumo fácil e rápido (meio quente), bem produzida em seus detalhes, começando pela feitura da imagem do personagem principal, cuja contrário do que acontece com a visão de um ser humano deformado, mesmo em uma tela de cinema ou televisão, o que vem reforçar a teoria de estigma nos adultos e repassa esta mesma para as crianças.

Finalmente, vamos chegar a Fagundes (1989), em seu trabalho sobre os livros didáticos e suas possíveis mudanças e contribuições.

Se a criança não tem o hábito espontâneo da leitura, ela não ficará isenta do mundo da leitura através dos livros didáticos, mesmo que seja de uma forma obrigatória na sua fase escolar. Por intermédio desse material pedagógico, serão propiciadas aos alunos leituras do Mundo, do País, do Homem, permitindo ao seu conteúdo contribuir para a transformação e a renovação, tanto quanto para a manutenção do *status quo*. Através de suas personagens, os didáticos poderão contribuir fortemente para o desenvolvimento dos aspectos psicossociais do ser humano, integrando o indivíduo socialmente, ao educá-lo, habilitá-lo, ou reabilitá-lo para o mundo. Apoiadas num esforço positivo, suas ilustrações e mensagens oferecidas pelos textos, funcionam como uma biblioterapia desde a mais tenra infância, fase mais importante da vida de ser humano para o desenvolvimento sadio da personalidade (Fagundes, 1989). Mas, por outro lado, esses mesmos livros didáticos poderão cristalizar condições, atitudes e valores indesejáveis, pois, segundo Tragtenberg (1991, p. 5-6),

... o livro didático atua como difusor de *preconceitos*. O índio é visto como ‘selvagem’, desconhecendo o ‘progresso’, ‘nu e enfeitado com cocares’; a mulher é valorizada enquanto mãe, doméstica, ou bordadeira, costureira, babá. Igualmente o caboclo brasileiro é desvalorizado, qualificado de ‘caipira’ pejorativamente (...).

Quase nunca os autores têm os devidos cuidados ao elaborarem suas personagens, muitas vezes estereotipadas. No caso específico das informações relativas aos portadores de deficiências, sempre falta a esses autores um compromisso mais efetivo com o mundo real em que vivem, tanto com relação aos deficientes, quanto aos não-deficientes. Em muitas dessas obras,

... as diferenças individuais, bem como as sociais, não são respeitadas e as motivações tornam-se difíceis, inadequadas e sem sentido, pois o que é bom para alguns não é para outros”. (...) “Com efeito, a padronização de textos e desenhos sobre deficiências ou a respeito de outro assunto anula a possibilidade de se reconhecer os contrastes que a vida impõe às pessoas e como estas mesmas pessoas os enfrentam para continuarem o seu caminho (Fagundes, 1989, p. 78).

É preciso que se tenha maior atenção no que é repassado através da educação formal e da informal. Torna-se necessária a veiculação de informação adequada em momentos oportunos pelo professor e pelos livros didáticos, permitindo ao aluno conhecer, aceitar e relacionar-se melhor com as pessoas deficientes. Por meio do ato de ler um texto para aprender a língua portuguesa, de maneira formal, por exemplo, informalmente o aluno poderá estar exposto a estereótipos, preconceitos inconscientes e atitudes negativas com relação aos portadores de limitações físicas ou comportamentais. Informações estas que certamente serão assimiladas pelo cérebro em formação da criança.

Segundo Fagundes (1989, p. 79), é preciso que, na elaboração desses livros, principalmente os manuais de Comunicação e Expressão,

... o autor projete a sua inteligência, sensibilidade e entenda os papéis de vida do ser humano em diferentes faixas etárias, fornecendo elementos para a integração social. (...) Realmente, o livro didático poderia contribuir sensivelmente para viabilizar a integração, quer trazendo informações, quer ensejando condições para a discussão deste tema entre professores, entre alunos e entre professores e alunos. Poderia ser um elemento de contribuição para a mudança de comportamento dos professores e alunos.

Seguindo alguns estudos internacionais, citados pela pesquisadora, vários autores emitem as seguintes recomendações na elaboração das personagens quando o assunto é deficiência:

- a) as personagens devem provocar empatia em vez de piedade;
- b) a personagem deve ser tratada como uma pessoa humana potente por si mesma e não como dependente de forças sobrenaturais para alcançar seus alvos;
- c) sua descrição deve levar à admiração e à aceitação, nunca ao ridículo;
- d) deve ser um retrato exato dos comportamentos que se associe à deficiência em questão;
- e) não deve haver descrições clínicas, pois estas interessam apenas a um grupo de pessoas e, embora educativas, não são motivadoras;
- f) o texto deve apresentar o deficiente de forma realista e, tanto quanto possível, dentro de seu espaço; e
- g) deve enfatizar as semelhanças e não as diferenças.

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

É importante considerar os aspectos técnicos da elaboração do material didático de leitura, bem como os aspectos de seu conteúdo, antes de se adotar qualquer medida para o seu uso em sala de aula. Ter como fator relevante na obra o foco do mundo real. Devemos apresentar o portador de deficiência nos livros didáticos do primeiro grau e do ensino médio, de maneira natural, contribuindo para uma imagem social positiva. Não só na questão da imagem, mas esse material também poderá contribuir para a inclusão de pessoas com deficiências no cotidiano escolar, colaborando ainda como um recurso auxiliar, promovendo a figura normalizada dessas pessoas em todos os níveis: familiar, escolar e comunitário. Acentua Fagundes (1989, p. 87):

A auto-imagem, como o autoconceito de que ela faz parte, está sujeita, no processo de seu estabelecimento e mudança, às influências das mesmas variáveis que atuam em qualquer comportamento aprendido, tendo papel preponderante os reforçadores sociais, obtidos no intercâmbio com outros e a modelação ou imaginação. Esse mecanismo ocorre com modelos sociais a que a criança está exposta nos vários ambientes e através de vários meios, entre eles o livro didático.

(...) Portanto, sugere-se que sejam repensados os conteúdos desses livros e, embora possa parecer utópico a uma sociedade de alto consumo, sejam feitas pesquisas na fase preparatória para a criação de programas adequados à sensibilização e conscientização do aluno não-deficiente perante a problemática do deficiente. Tais pesquisas, é claro, devem contar com o auxílio de equipes constituídas por pedagogos especializados, psicólogos sociais, escolares, psicolingüistas, terapeutas ocupacionais com experiência não só em Habilitação e Reabilitação como em Educação Especial, entre outras. Somente dessa maneira, poder-se-á criar situações em que crianças deficientes e “normais” interajam numa sociedade justa e aberta para todos.

(...) Acredita-se que, através de textos bem elaborados e criativos, em que as personagens centrais de várias idades sejam portadoras de deficiências, possam ser estabelecidas situações de vida e desempenho de papéis de forma construtiva, sadia, mostrando-se um mundo em que o deficiente, tão desacreditado, tenha condições de chegar a um relativo sucesso sempre que lhe derem oportunidades para tal. Assim, via livro didático, será possível reduzir o afastamento existente nas relações sociais e promover a criação de uma sociedade menos árida, em que todos deverão ter assegurados os seus direitos de cidadãos.

No geral, o livro didático continuará sendo objeto de debates e polêmicas, mas sempre cumprindo a sua finalidade didática e educativa.

COMO CRIAR E APRESENTAR PERSONAGENS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

Mesmo sendo a literatura uma forma livre de se expressar através da criação, gostaríamos de oferecer aqui algumas sugestões para quem de-seje escrever textos com personagens portadores de deficiência. Não se trata, todavia, de uma receita pronta para ser seguida à risca, mas sim de algo que poderá eliminar alguns preconceitos culturais, muitas vezes, reforçados pelo fazer literário.

Baseando nos estudos de Amaral (1993, p. 165-189), a apresentação correta e normalizada de pessoas com qualquer outro tipo de deficiência, pode começar com estes princípios:

- a) Vamos evitar retratar a dor, real, acompanhada de perdas significativas através da presença de sentimentos como tristeza, desgosto, solidão, conformismo, desamparo, desesperança... Tudo isso contribuirá para a construção de uma imagem de **vítima**.
- b) As atitudes e ações nitidamente compensatórias devem ser construídas através de alta competência intelectual, extrema sensibilidade, coragem exacerbada, talentos especiais... O que, segundo a autora, são “apresentadas não apenas no sentido de configurarem, muitas vezes, mecanismo importante para o equilíbrio psíquico, mas sim construindo uma imagem de **bom-herói**”.
- c) Devemos também evitar a presença de atitudes e ações condenáveis, como intolerância, agressividade, criminalidade... Elas se apresentam não apenas como reações legítimas a certas situações-limite, mas também colaboram para a construção de uma imagem de **herói-vilão**.

Segue Amaral (1993, p. 165-189), baseada em sua pesquisa:

Poucas as personagens a quem se propiciou o lugar de **pes-soa!** Tantas as personagens estereotipadas!

Quanto à **vertente-desfecho**, a marginalização da condição de diferença se fez presente, com bastante vivacidade, quer pela idéia de cura propriamente dita, quer pela idéia de “normalização” da personagem (configuração e ações o mais semelhantes possíveis ao padrão de normalidade), quer pela idéia de exclusão do “mundo dos normais”: por isolamento individual ou grupal, por ocupação do lugar do exótico ou por morte (real ou simbólica).

Acreditamos que devemos criar **histórias livres de preconceitos**, enredos desenvolvidos de uma forma significativamente “livre” de preconceitos: nessas histórias, as diferenças deverão existir simplesmente, não havendo elucidações sobre a gênese - a diferença está ali e pronto,

... mas está também colorida por emoções, não configurando, portanto, uma história asséptica - todavia são emoções não acom-

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

panhadas de valoração ética - a emoção está ali e pronto; o desfecho inclui a interação e a solidariedade - estar junto e pronto (Amaral, 1993, p. 165-189).

Também precisaremos tomar muito cuidado com o humor feito envolvendo as classes estigmatizadas, pois, segundo Goferman (1988, p. 67),

... caricaturas, piadas e lendas populares revelam, de maneira pouco séria, as fraquezas de um membro estereotípico da categoria, mesmo quando esse meio-herói demonstra ingenuamente ser mais esperto do que um normal de status destacado. As apresentações sérias dos representantes podem exibir uma ambivalência semelhante, mostrando uma auto-alienação semelhante.

Acreditar em uma literatura em prol da pessoa com deficiência, é o mesmo que acreditar e defender uma literatura que transforme. Principalmente na literatura infanto-juvenil, a qual possa ajudar as crianças a entenderem a complexidade e a diversidade humanas.

Werneck (1997, p. 139-146) acredita que

... é impossível acabar com o preconceito na idade adulta. O preconceito não vem apenas da falta de informação. Surge basicamente do que eu chamo de “falta de formação”.

Explica a autora:

A “falta de formação” é um processo silencioso, lento, progressivo e cumulativo de noções inadequadas sobre temas-tabu como a deficiência.

A “falta de formação” é o alicerce do preconceito.

A “falta de formação” impede que a criança veja a questão da deficiência e da doença como sua.

Como se dá a “falta de formação”?

Sem apoio dos adultos, a criança busca mecanismos de atender à sua curiosidade acerca das diferenças individuais. Liga sua posante antena parabólica e começa a captar informações truncadas e estereotipadas dali e daqui, incluindo as da mídia (p. 139-146).

Basicamente, essa “falta de formação” apóia-se no tripé e na postura dos adultos no lar, na escola e na mídia. Continuamos com Werneck (1997, p. 139-146):

Se situações como ver o exótico-humano na televisão elevam o índice da audiência é porque vêm diretamente ao encontro de nossos desejos mais íntimos.

Primeiro, o desejo de nos certificarmos de que o diferente é aquele que lá na telinha, que, graças a Deus, faz parte de outra família e mora bem longe de mim. Assim, fico isento da responsabilidade de ajudá-lo. Quando o programa acabar, posso desligar a TV e ir dormir com tranqüilidade.

É a “falta de formação”, afastando-nos da realidade.

Segundo, como temos sido educados para não olhar (“é feio”, “é

proibido”) a diferença de uma pessoa, seja sua cadeira de rodas ou seu braço menor do que o outro, a mídia nos dá a oportunidade de fazer isso sem sentimento de culpa. A televisão permite que olhemos tudo, sentados no sofá da nossa casa, comendo pipoca. E assim saciamos uma curiosidade truncada pela “falta de formação”.

Insisto. Para minimizar o preconceito, será preciso impedir que ele se instale ainda na infância.

Daí a importância da literatura infantil, arma poderosíssima e ainda pouco utilizada no Brasil no combate a qualquer forma de discriminação.

Com relação à importância da inclusão de temas e personagens portadores de deficiência na literatura infanto-juvenil, Öljasaeter (1981, p. 31-33), certa vez, disse:

Precisamos, pois, de livros que descrevam corretamente a psicologia dos personagens deficientes e que os mostrem integrados em seu meio tão naturalmente quanto às outras pessoas. Infelizmente, há obras desse tipo, nas quais o autor revela ao mesmo tempo perspicácia e força poética. Muitas delas de destinam igualmente a crianças e adultos, e não raro seu autor já teve experiência de algum tipo de deficiência, quer pessoalmente, quer através de seu filho, amigos ou vizinhos.

E, finalizando este pequeno ensaio, façamos nossas as palavras da, Doutora em Letras, escritora Góes (1991, p. 7-9):

... Se desejamos a construção de uma sociedade melhor e mais solidária, devemos oferecer às crianças meios de desenvolverem a reflexão, o debate e a crítica sobre os desvios sociais. Assim, além do empenho para que as crianças de todas as nações possam saber ler, deve-se, também, lutar para que tenham acesso a um acervo rico e variado de livros que correspondam às suas necessidades e interesses. Além de livros de fantasia, estimuladores de seu imaginário, livros que falem de raízes culturais, livros que promovam a fraternidade entre os povos, ultrapassando as diferenças culturais. Deve-se destacar os livros que promovam a justiça, a paz, a solidariedade. Nestes, colocamos, como de necessidade URGENTÍSSIMA, os que tratam de várias e variadas formas os DEFICIENTES.

FIGUEIRA, Emílio. The disabled people in the context of juvenile and didactic literature. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

ABSTRACT

Although not always apparent, disability-related themes do come into view in a number of Brazilian literary works. Nowadays such books are being subjected to the scrutiny of social psychology owing to the pitfalls

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FIGUEIRA, Emílio.
As pessoas com
deficiências no con-
texto da literatura
infanto-juvenil e
didática. *Mimesis*,
Bauru, v. 21, n. 1,
p. 39-52, 2000.

in texts that reinforce prejudice and negative representations during the child's educational process, even at the unconscious level. This is also true for elementary school course books. By proceeding to an analysis of this question, the present study reviews some aspects that will prove helpful in bringing about the correct representation and concepts of disabled people by teen readers and will help adult people overcome their prejudices.

Key Words: juvenile literature, physical disability, library book collections, social psychology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, L. A. *Do olimpo ao mundo dos mortais*. São Paulo: Edmetec, 1988.
- _____. Deficiência e arte. *Integração*, v. 2 n. 7, p. 34-37, dez. 1989.
- _____. Discriminação e estereótipos. In: CICLO DE DEBATES SOBRE DEFICIÊNCIA VISUAL, 2.: O portador de deficiência visual e a sociedade, 1991. São Paulo. *Mesa Redonda...* São Paulo: PRO-DV, 1991.
- _____. Preconceito e estereotipo na literatura infanto-juvenil: Algumas reflexões sobre a questão da deficiência. In: CRUZ, M. *O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil: bibliografia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo - Seção de Bibliografia e Documentação, 1991. p. 23-28.
- _____. *Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo, 1992. 106 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da USP, 1992.
- _____. Deficiência: preconceitos e estereótipos na literatura infanto-juvenil. In: DIAS, T. et al. *Temas em educação especial 2*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1993. p. 165-189.
- CARDOSO, M. *Estudos de literatura infantil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1981.
- CRUZ, M. *O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil: bibliografia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo - Seção de Bibliografia e Documentação, 1991.
- FAGUNDES, V. A. *Imagem social do "deficiente" nos livros didáticos do primeiro grau*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.
- GÓES, L. P. de S. Apresentação. In.: CRUZ, M. *O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil: bibliografia*. São Paulo: Secreta-

ria Municipal de Cultura de São Paulo - Seção de Bibliografia e Documentação, 1991.

GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

ÖRJASAETER, T. Falsas imagens na literatura infantil. *Correio da UNESCO*, v. 9, n. 8, p. 31-33, ago., 1981.

PIZA, E. Imagens da deficiência na literatura infanto-juvenil: vícios e usos. In: CRUZ, M. *O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil: bibliografia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo - Seção de Bibliografia e Documentação, 1991. p. 17-21.

SATOW, SH. Dumbo: Estigma e marginalização. *Integração*, v. 4, n. 16, p. 15-18, mar. 1992.

TRAGTENBERG, M. Apresentação. In: FARIA, A. L. G. de. *Ideologia no livro didático*. São Paulo: Cortez, 1991.

WERNECK, C. *Ninguém será mais bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.